

## **O Corpo Intenso nas Artes Cênicas: Articulando o Corpo sem Órgãos, os Bartenieff Fundamentals e o Body-Mind Centering.**

*Patricia de lima Caetano*

PPGAC– UFBA

PALAVRAS-CHAVE: corpo, matéria intensa, repadronização.

Ao abordar a concepção intensiva do corpo sem órgãos (CsO) a partir dos estudos filosóficos de Deleuze e Guattari, desde o surgimento do termo através das inquietações do dramaturgo, ator e escritor Antonin Artaud, a presente pesquisa toca nas temáticas a respeito do corpo dentro do campo das artes cênicas.

As implicações da concepção ontológica e experimental do corpo ocidental (considerado como uma máquina) são visíveis em várias esferas da vida e nas artes. Tanto no teatro como na dança podemos notar suas conseqüências, tais como, o logocentrismo da cena teatral e o treinamento mecânico do corpo na dança.

Artaud parece querer produzir uma subversão ao trazer para a cena teatral a evocação do CsO, pois evidencia-se que é justamente contra uma violência institucionalizada na cultura ocidental e na própria vida que o dramaturgo se rebela ao criticar a cena logocêntrica européia numa insurreição não somente ao fazer teatral de sua época, como também ao *modus operandis* da própria sociedade. Em suas buscas por uma arte “viva” Artaud procura reencontrar a tal experiência corpórea perdida propondo o retorno das origens sagradas do teatro. É no contato com o teatro de Bali e posteriormente com os rituais em torno do peiote, junto aos índios Tarahumaras, que Artaud vislumbra a existência de uma outra realidade corpórea na qual a plenitude reveladora da carne manifesta uma intelectualidade singular que se exerce por meio do próprio corpo. A partir da experimentação de um “corpo outro”, Artaud intui que “vivemos sob um odioso atavismo fisiológico, o que faz com que inclusive no nosso corpo, e sozinhos, não estejamos mais livres” (LINS, 1999: 56). Ao denunciar a existência de relações de poder sutis que se apropriam do corpo através de padrões e automatismos corporais, ele persegue um processo de transformação do homem ao mesmo tempo física e espiritual, que passa por um reengendramento de si necessariamente corporal.

Deleuze e Guattari ao relerem o CsO de Artaud ressaltam o entendimento de que o CsO não é um corpo inimigo dos órgãos, pois como eles afirmam “o CsO não se opõe aos órgãos, mas a essa organização dos órgãos que se chama organismo” (Deleuze e Guattari, 2006: 21). Eles vão dizer que o CsO é “matéria intensa”, entendendo matéria igual a energia onde independentemente das formas os órgãos aparecem como “intensidades puras”. Este autores retomam os

questionamentos artaudianos através dos quais liberar o corpo de seus automatismos diz respeito a liberar o corpo de um tipo de organização não somente biológica, mas principalmente uma organização originária de um modo operativo social. Assim, eles vão afirmar que “o organismo não é o corpo, mas um extrato sobre o CsO, quer dizer um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil”(Deleuze e Guattari, 2006: 21). Essa divisão do corpo em órgãos e funções com fins de organizá-lo, ordenando e canalizando seus fluxos, forças e desejos, produz um fechamento num modo de composição corpóreo que impede a passagem dos fluxos intensivos e criativos. Criar para si um CsO seria então abrir o corpo para os múltiplos e imperceptíveis devires, para as infinitas possibilidades de conexão, agenciamentos e atravessamentos, tornando esse mesmo corpo poroso ao espaço vertiginoso dentro e fora, onde não há mais o si mesmo homogêneo e sim uma multiplicidade de estados, impulsos, sensações, imagens. A recriação do corpo a partir desta matéria intensa pressupõe a dissolução de modos cristalizados de organização e representação do corpo, que por sua vez cristalizam modos de se relacionar consigo mesmo e com o mundo.

Ao operar esta abertura do corpo, opera-se então uma nova compreensão e experimentação corpórea em suas relações entre os espaços internos e externos. O espaço interno do corpo deixa de ser um espaço fechado em si mesmo enquanto lugar da alma ou da psique, assim como o espaço corpóreo externo deixa de ser relegado tão somente a um espaço objetivo tal como os demais corpos e coisas exteriores. O filósofo José Gil, irá pensar o espaço interior do corpo considerando-o como um espaço paradoxal. Uma das características que marcam esse espaço paradoxal é o fato de que em situação “normal” não experimentamos esse espaço interno como constituído por órgãos e vísceras, mas sim como um espaço sem órgãos, sem limites, e desse modo, vivenciamos cotidianamente a impresença deste espaço. Ele só se dá em presença através de uma sensação cinestésica de dor, ou pela percepção das vísceras que o preenchem, quando em situação “não normal” este espaço recebe determinações objetivas. Um exemplo disso se faz notável numa aula de Body Mind Centering (BMC) ao sermos incitados a levar a nossa percepção consciente para algum órgão ou sistema do corpo experimentando sua energia e qualidades expressivas. Ou ainda, numa aula de Bartenieff Fundamentals (BF) onde a partir de um passeio consciente pelos diferentes espaços internos do corpo experimentamos suas conexões e fluxos.

Tendo em vista que o CsO não é uma noção nem um conceito, mas uma prática, poderíamos pensar a articulação entre estas técnicas e o CsO. Ao aproximarmos-nos dos BF e do BMC é possível reconhecer em suas propostas metodológicas a experimentação de um corpo

intenso em constantes mudanças e diferentes devires através da vivência de sua materialidade orgânica e energética.

Estas técnicas vão lidar com a Pré-expressividade mobilizando a energia em um “nível prévio à expressão” (Fernandes, 2006: 313) revivendo-a em sua fase infantil, trazendo-a conscientemente para a fase adulta. Esta revivescência faz parte da tarefa de repadronização encontrada em ambas as técnicas e que lida com a idéia de desconstrução de padrões corporais fixos ou rígidos (padrões de defesa) e a reconstrução de padrões de mudança e crescimento (padrões de aprendizagem). Hackney, discípula de Bartenieff, vai afirmar que a mudança é fundamental. Essa mudança ocorre por um processo de desenvolvimento que é relacional e se dá por meio de padrões de conectividade corporal. Cohen vai denominar Padrões Neurológicos Básicos e um dos Princípios de Bartenieff são os Padrões de Organização Corporal. Ambos propõem a revivescência de estágios do desenvolvimento motor que combinam tanto o desenvolvimento filogenético como o ontogenético. Ao trabalhar a repadronização Cohen afirma que é sobre a energia que ela interage sustentando a idéia de que os sistemas que compõem o corpo (incluindo órgãos e vísceras) se interrelacionam e geram movimento.

No entanto, a tarefa de repadronização, ou seja, a desconstrução de automatismos e condicionamentos corporais e a posterior re-construção de padrões de organização corporal flexíveis (que disponibilizam o corpo à aprendizagem do movimento) ocorre não somente a partir da revivescência dos estágios de desenvolvimento neuro-motor. Existe em ambas as técnicas toda uma proposta de conscientização através do movimento e sensibilização das estruturas que compõem o corpo que levam o indivíduo a uma experimentação dos processos internos e externos do movimento. Essa conscientização faz com que a percepção das relações entre a menor dinâmica dentro do corpo e o mais expansivo movimento exterior seja aguçada.

As referentes práticas corporais revelam a possibilidade de constituição de um plano de experimentação no qual o corpo-mente é o material a ser vivenciado, redescoberto e re-criado. Através de exercícios e práticas que possibilitam a organização corporal dinâmica, os Fundamentos corporais de Bartenieff assim como também o Body Mind Centering possibilitam um encontro com a dimensão organizadora imanente à própria sabedoria do corpo. A experimentação destes “outros corpos” possíveis permite ao artista cênico o descondicionamento corporal e energético, além de despertar de uma intelectualidade sensível.

#### BIBLIOGRAFIA:

Antonin, Artaud. **Linguagem e Vida**. Org. Guinsburg, J., Telesi, Sílvia Fernandes e Neto, Antonio Mercado. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1970

\_\_\_\_\_. **Para acabar com o juízo de Deus**. In: Oeuvres Completes. Paris: Galimard, 1976; cf. Cláudio Willer, op. cit., p. 161-162, v. XIII.

BARTENIEFF, Irmgard. **Body movement. Coping with the environment**. Langhorne: Gordon and Breach Science Publishers, 1980.

COHEN, Bonnie Brainbridge. **Sensing, feeling and action. The experimental anatomy of Body-Mind Centering**. Northampton: Contact Editions. 1993a.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34. 1996.

FERNANDES, Ciane. **O Corpo em Movimento: o Sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas**. São Paulo: Annablume. 2002.

GIL, José. **Metamosfoses do Corpo**. Lisboa: Relógio D'Água. 1997.

HACKNEY, Peggy. **Making Connections. Total Body integration through Bartenieff Fundamentals**. Amsterdam: Gordon and Breach Publishers, 1998.

LINS, Daniel. **Antonin Artaud – O Artesão do Corpo Sem Órgãos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1999.

QUILICI, Cassiano. **Antonin Artaud: Teatro e Ritual**. São Paulo: Annablume. 2004.

WOODRUFF, Dianne. **Treinamento na dança: Visões mecanicistas e holísticas**. In: Cadernos do GIPE – CIT, n. 2, Salvador. Fevereiro, 1999. Trad. Leda Muhana.